

LISBOA, CIDADE ABERTA

Avenida da Liberdade adicionava-se então uma zona urbana ou a urbanizar cujo eixo seria a avenida dita das Picoas (...), de uma segunda rotunda (...) até ao Campo Grande em linha recta, com um sistema de ruas que a cortavam, a primeira das quais respeitando a linha da Estrada de Circunvalação do meio do século, a caminho de Arroios, a nascente, ou de Campolide, a poente. Eram as 'Avenidas Novas', assim indistintamente consideradas, contemplando placas centrais arborizadas por adição paisagista a eles somando novas zonas, a Santa Isabel e ao Campo de Santana, que davam os novos bairros de Campo de Ourique e da Estefânia."

Fiquei espantado quando li esta passagem na colossal monografia de José-Augusto França, "Lisboa — História Física e Moral" (2008). Que continua: "Da rotunda [da Avenida] para cima, o parque terminal da Avenida era ladeado pela Avenida António Augusto de Aguiar e a então chamada Avenida do Campo Grande (que foi em 1902 de Fontes Pereira de Melo) que passava, em outro viaduto, sobre a velha Rua de São Sebastião da Pedreira, que ia tradicionalmente a esse sítio, vinda das Portas de Santo Antão, por Santa Marta, linha orgânica da cidade que a Avenida respeitava, agora a duplicando, e deixando à sua prática antiga a encosta que ia ao Campo de Santana. Na área, que ia até ao sítio das Picoas, foi traçado o xadrez de um bairro de casas, limitado a norte, pela nova Avenida Duque d'Ávila que, sobre um troço oriental da abandonada Estrada de Circunvalação, ia ao Arco do Cego sobre a antiga Estrada do Campo Grande."

E mais: "Daí para noroeste, a caminho do Campo Grande, Ressano Garcia gozou de maior liberdade, que quase nenhuma habitação prévia impedia, em terras rústicas, e de um lado e do outro da avenida que traçara (...) projectou duas avenidas", uma das quais, a nascente, "ia dar ao terreno da Praça de Touros, ladeando o sítio do Arco do Cego. A sua paralela devia prosseguir até à (...) primeira metade do Campo Grande, prevendo-se que nela se entroncasse praticamente uma avenida (...)". Finalmente: "Esse traçado longitudinal seria cortado por um sistema de nove ruas paralelas, desde a Duque d'Ávila (...) e que iam (...) até à antiga Rua do Arco do Cego (...) a poente, enquanto, a nascente, terminavam na Conde de Valbom."

A citação é extensa porque precisava de explicar bem o meu espanto: nunca imaginei encontrar, em duas páginas e meia, todas as referências topográficas que balizam a minha vida. Foi nestas ruas e bairros que nasci, morei, cresci, estudei, trabalhei, e todos os demais verbos que usamos para termos a certeza de estar vivos. Toda essa cidade nova foi projectada por um homem: Ressano



PEDRO MEXIA

Garcia. A minha Lisboa é a Lisboa dele.

Frederico Ressano Garcia nasceu em Lisboa, em 1847. Estudou engenharia na Escola Politécnica e na École Impériale des Ponts e Chaussées, em Paris. Regressou a Portugal e deu aulas. Uns anos depois foi nomeado engenheiro na Câmara Municipal de Lisboa e em 1874 engenheiro-chefe. A Regeneração e o fontismo preocuparam-se com a modernização de Lisboa. A área urbana foi bastante aumentada, fizeram-se expropriações, mapas actualizados, e houve diversos projectos de melhoramento e expansão. Foi decidida uma mudança urbana tão grandiosa como a dos tempos de Pombal, mas desta vez por desígnio político, e não como resposta a uma catástrofe.

A ideia era imitar a renovação da Paris imperial dirigida pelo barão Haussmann. Quando a cidade recebeu a Exposição Mundial de 1900, grande celebração do progresso, Ressano Garcia representou oficialmente Portugal.

Ressano foi portanto o novo Pombal. Com o apoio do Partido Progressista, que serviu enquanto deputado e ministro, e também da Câmara Municipal, que reivindicava competências urbanísticas acrescidas, o engenheiro tornou Lisboa uma cidade aberta. Competente, pragmático, decidido, Ressano concebeu um plano geral de urbanização que fizesse de Lisboa uma grande capital progressista. O plano era completíssimo, e incluía uma rede de esgotos, abastecimento de água, vias férreas e portuárias, espaços verdes, infra-estruturas de gás, electricidade e telefone.

O núcleo central desse plano consistia, como vimos, em ligar a Lisboa fechada do Terreiro do Paço e da Baixa aos bairros novos da alta, criando também bairros novos mais a norte. Para isso, era preciso abandonar o decrépito Passeio Público, e construir uma avenida comprida e larga que subisse até à Praça Marquês de Pombal, seguindo depois pela Fontes Pereira de Melo, a Praça Duque de Saldanha, e depois uma avenida, a Ressano Garcia, cortada por nove ruas paralelas, em grelha quase pombalina, e seguindo até a Praça de Entrecampos e ao Campo Grande, na altura um arrabalde. Eram grandes trabalhos, que se prolongaram entre 1879 e 1903, com interrupções causadas pelas mudanças políticas e as dificuldades orçamentais, e entre uma chuva de críticas.

Lisboa mudou por completo, mas Ressano Garcia teve um fim melancólico. Afastado das suas funções pela ditadura de João Franco, também se viu discriminado pelo novo regime, que transformou a Avenida Ressano Garcia em Avenida da República. Ao engenheiro foi atribuída uma mera transversal. Não deve ter passado por lá muitas vezes. Morreu em 1911, fez agora um século. Lisboa deve-lhe muito. Eu devo-lhe tudo. **A**

pedromexia@gmail.com

Pedro Mexia escreve de acordo com a antiga ortografia